

## II

### O ENCONTRO DE DUAS MÃES

*(Lc 1,39-56)*

Não há outra comparação no Evangelho, somente aqui se descreve uma cena reservada exclusivamente a duas mães que se encontram, cada uma trazendo dentro de si uma vida fecundada de modo extraordinário. Isabel e Maria, tão diferentes na idade e na maternidade. Enquanto a primeira concebe na idade avançada mas de modo natural, a segunda concebe na juventude e sem a colaboração masculina; ambas emparelhadas a celebrar o triunfo da vida. As duas mulheres, exatamente porque destinatárias de um prodígio, devolvem-no à verdadeira causa e ao sujeito teológico do trecho, a Deus, que com imprevisível fantasia e com misterioso poder continua a operar o milagre da vida, primeiramente antes de todos, o milagre da Encarnação de seu Filho.

## O texto

<sup>39</sup>Naqueles dias Maria pôs-se a caminho e foi apressadamente à região montanhosa para uma cidade de Judá. <sup>40</sup>Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. <sup>41</sup>E assim que Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino estremeceu em seu ventre. Isabel ficou cheia do Espírito Santo <sup>42</sup>e exclamou em voz alta: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre. <sup>43</sup>Mas donde me vem que a mãe de meu Senhor venha visitar-me? <sup>44</sup>Pois assim que o som de tua saudação chegou a meus ouvidos, o menino estremeceu de alegria em meu ventre. <sup>45</sup>E bendita és tu que acreditaste no cumprimento daquilo que te foi dito da parte do Senhor”.

<sup>46</sup>E Maria falou: “A minha alma engrandece o Senhor <sup>47</sup>e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, <sup>48</sup>porque olhou para a humildade de sua serva. Desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada. <sup>49</sup>Porque grandes coisas me fez o Poderoso, Santo é o seu nome; <sup>50</sup>e a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. <sup>51</sup>Manifestou o poder de seu braço e dispersou os soberbos. <sup>52</sup>Depôs do trono os poderosos e elevou os humildes. <sup>53</sup>Encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias. <sup>54</sup>Socorreu Israel, seu servidor, lembrando-se de sua misericórdia, <sup>55</sup>conforme prometera aos nossos pais, em favor de Abraão e de seus filhos para sempre”.

<sup>56</sup>Maria ficou com ela uns três meses, depois voltou para sua casa.

## Contexto e dinâmica do trecho

Em matéria de precedência Isabel e Maria foram apresentadas separadamente como duas mulheres que tiveram acesso ao mistério exaltante da maternidade. Para a primeira tratava-se do milagre da vida que floresce de um útero que permaneceu estéril por muito tempo e destinado tragicamente a permanecer assim sem uma intervenção divina. Para a segunda tratava-se de uma maternidade fora dos caminhos ordinários porque havia sido preparada sem o componente masculino. Duas histórias diversas, não obstante unidas por um único desígnio e tecidas pela mão silenciosa da Providência. Agora as duas mães se encontram, ricas pelos frutos de sua concepção ainda no útero, realizando um contato que até agora acontecera à distância e por comunicação sobrenatural.

O trecho compõe-se manifestamente de duas partes, emolduradas por um quadro de referências cronológicas e geográficas. De fato o versículo 39 apresenta o deslocamento de Maria do norte (Nazaré) ao sul (cidade de Judá) e o v. 56 a vê retornar ao ponto de partida, depois de três meses de permanência. No interior de tal “quadro” encontramos primeiramente o encontro das duas mães (vv. 40-45), pois a oração de Maria, o *Magnificat*, nasceu naquela ocasião e por aquela ocasião (vv. 45-55). Do confronto daquelas duas partes, vemos que a primeira é dominada pela palavra de Isabel, enquanto a segunda pela palavra de Maria. Duas mães, cada uma a seu modo, cantam um hino à vida.

### **Breve comentário**

Depois da estupenda experiência de Nazaré que a promovia ao papel de “Mãe de Deus”, Maria não aparece como uma criatura feliz em si mesma, encerrada no círculo de sua intimidade divina, embora um ser corpóreo, feito de concretude, de sensibilidade e de disponibilidade. Ela deixa a mística tranquilidade de sua casa e põe-se a caminho. Não se diz o motivo da viagem expressamente, mas tudo leva a pensar que a causa se deve procurar na anunciação do anjo: Maria foi informada que a prima Isabel está no sexto mês de gravidez (cf. v. 36). O fato de demorar três meses, o tempo exato para o menino nascer, permite concluir que efetivamente Maria queria levar ajuda à futura mãe. Ela movimenta-se e vai aonde a chama a urgência de uma necessidade. “Apressadamente” exprime a solicitude de levar a jovem ajuda à parente anciã. O amor ao próximo, também neste caso, torna-se a garantia da autenticidade do amor a Deus.

Não se fornecem dados geográficos, a não ser um genérico “região montanhosa..., a uma cidade de Judá”. Uma tradição do século VI identifica o lugar Ain-Karém: a bucólica serenidade e o fato de ser equidistante de Jerusalém e de Belém, talvez esteja

na origem dessa escolha. A nós interessa relevar o deslocamento de Nazaré, ao norte, para a Judéia, ao sul, com um percurso de cerca de 150 quilômetros que exigiam habitualmente três dias de viagem. Nessa viagem, não sem fadiga e incômodos, verá a possibilidade de um encontro e em seguida de louvor. Viagem, encontro e louvor são, pois, os três segmentos que constroem a harmonia desta narrativa.

### **Maria e Isabel**

Maria põe-se a caminho. Graças a ela Jesus também, antes de nascer, está movimentando-se em direção aos outros, profética antecipação de sua missão itinerante que pretende levar a todos a palavra que ajuda e que salva.

Lucas utiliza o episódio para iluminar tudo o que havia acontecido na intimidade de Nazaré. Só o diálogo com uma interlocutora pode levar ao acontecimento seu segredo e sua dimensão individual. A comunicação obedece somente a uma exigência de comunhão: estender aos outros aquele facho de luz que investiu sobre Maria. Em nível de realidade sobrenatural, em que a palavra se torna embaraçada e imprecisa, também as pequenas particularidades se tornam linguagem e comunicação. Anota Santo Ambrósio no seu comentário ao Evangelho de Lucas:

“Maria foi com pressa à montanha, não porque fosse incrédula a respeito da profecia ou incerta quanto à anunciação ou em dúvida quanto à prova, mas porque estava alegre com a promessa e desejosa de prestar devotadamente um serviço, com o ímpeto que lhe vinha da íntima alegria... A graça do Espírito Santo não comporta lentidão... Isabel ouviu primeiramente a voz, mas João foi o primeiro a perceber a graça”.

O mistério daquela singular visita é o mistério da comunicação entre duas mulheres, tão diversas de idade, de funções, de ambiente, de características, no entanto unidas no construir a

história da salvação. Ambas levam no útero um filho e, em vez de falarem de si, falam de Deus, de sua grandeza, de sua intervenção prodigiosa. São mães capazes de louvar, de agradecer, de exultar.

A cena é dominada por Isabel e suas palavras, porém estas se libertam de seu ânimo quando solicitadas por Maria. Dois acontecimentos causam e explicam tais palavras. O primeiro, aparentemente sem importância, é a entrada de Maria na casa de Zacarias com a conseqüente saudação a Isabel. É uma feliz “provocação”. A saudação causa o segundo acontecimento: o estremecimento do menino de Isabel que parece reconhecer a voz de Maria e, mais ainda, parece relacionar-se com aquele que ela traz em seu útero. Instaura-se, então, em nível de feto aquela dependência hierárquica, um misto de serviço incondicional e de alegria plena, que caracterizará a vida de Batista. Ele testemunhará: “Quem tem a esposa é o esposo. Mas o amigo do esposo, que está presente e o escuta, exulta de alegria à voz do esposo. Agora esta minha alegria se realizou. Ele deve crescer e eu diminuir” (Jo 3,29-30). No presente há uma percepção que repercute em um estremecimento de alegria. As duas mães são “arcas santas”, “ostensórios sagrados” de dois seres destinados: um a preparar o caminho, o outro a ser ele mesmo o caminho. A cena, totalmente dominada pelas duas mães, tem o seu fulcro teológico na percepção que João tem de Jesus e no implícito reconhecimento de sua grandeza.

As palavras de Isabel documentam que a densidade teológica atravessa os “concebidos” mais do que as mães: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! A que devo que a mãe de meu Senhor venha a mim?” (vv. 42-43). Com uma expressão semítica que equivale a um superlativo (“entre as mulheres”), Maria é celebrada por sua função ou carisma (ser “mãe do Senhor”) e por sua adesão incondicional a tal vocação. Para ela fica reservada uma bênção (“bendita és tu”) e uma bem-aventurança (“bem-aventurada”).

A bênção é uma fórmula típica do AT, no qual o verbo hebraico *barak* e o substantivo derivado *berakah* encontram-se umas 398 vezes. Segundo diversos estudiosos, a raiz hebraica *brkh* é derivada de *berekh* (joelhos), criando um nexo entre a bênção e o ajoelhar-se, típico ato de adoração e de homenagem à divindade. Na Bíblia as bênções dividem-se em “ascendentes” quando celebram Deus por qualquer intervenção (cf. Sl 41,14) e “descendentes” quando se invoca o poder de Deus sobre alguém ou sobre qualquer coisa (cf. Nm 6,24-27), ou quando é o mesmo Deus a abençoar (cf. Gn 1,28). A bênção é um dom que tem relação com a vida; podemos afirmar que a riqueza fundamental da bênção é a da vida e da fecundidade. Isso vale tanto para a terra, quanto para as pessoas (cf. Dt 28,1-14). Vemo-lo bem nesse tópico, quando na bênção de Maria vem garantida a do filho: “e bendito o fruto de teu ventre”. Maria é celebrada propriamente por sua maternidade. Assim a bênção vem de Deus e para ele volta agora sob a forma de invocação e de oração; é um reconhecer aquilo que lhe foi feito.

A bem-aventurança do v. 45, a primeira do Evangelho de Lucas, certifica a adesão de Maria à vontade divina. Ela também não é só destinatária privilegiada de um arcano desígnio que a torna bendita, mas ainda uma pessoa responsável que aceita e adere. Maria não é uma criatura que sabe, mas uma criatura que crê, porque se agarrou a uma palavra desnuda que ela revestiu de amor. Agora Isabel lhe reconhece este amor, expressado como “crer no cumprimento das palavras do Senhor”, e a celebra como a primeira de todas as mulheres. Maria vai à casa de Isabel para um serviço doméstico e Isabel retribui-lhe com o serviço litúrgico do louvor, reconhecendo-a bendita como mãe e bem-aventurada como aquela que crê.

O “Cântico de Isabel” (vv. 42-45), dom do Espírito, torna público ao leitor e ao que crê o mistério que Maria pensava ter confiado ao segredo de sua intimidade. Não existe relação autêntica com Deus que não tenha a possibilidade de tornar-se

“público”: este é o conceito fundamental de carisma e Maria tem *in primis* o carisma de ser a “mãe do Senhor”, como o reconhece sua prima. O encontro das duas mães torna-se o encontro dos frutos que têm no ventre. João percebe a presença de seu Senhor e exulta, exprimindo com seu estremecimento a alegria em contato com a salvação, que Maria pode formalizar no canto que segue.

### A oração de Maria

Na segunda parte (vv. 46-55), Lucas, depois de ter “pintado” Maria como mulher a caminho e pronta para o encontro, relata as suas palavras que são de louvor a Deus. Nelas delineia-se um “itinerário teológico” análogo ao de Isabel: esta partiu da maternidade e serviu-se da fé em Maria. Maria parte do elogio recebido e vai direto à causa de toda a vida, física e espiritual: o próprio Deus. Jamais encontraremos no Evangelho um discurso tão longo de Maria. Mas é um discurso com Deus e sobre Deus, é oração, o *Magnificat*. Não pretendemos comentá-lo, limitando-nos a algumas observações que explicam sua inserção no presente contexto.

É um nascimento à vida física, é um nascimento à vida espiritual que toma o nome teológico de “salvação”. Aqui a pessoa alegra-se e está exaltada porque é salva. Podemos determinar na salvação o tema fundamental do *Magnificat*. A salvação tem em Deus a sua causa e a sua origem e no indivíduo (ou no grupo) o seu destinatário. Do *eu* de Maria ao *tu* divino, passando através do *nós* comunitário, a salvação é cantada na sua origem (Deus) e nos seus destinatários (Maria e povo). A salvação não é uma ilusão ou uma vaga esperança, mas a celebração de um acontecimento. Ela o foi no tempo do Êxodo, o é agora quando chega o tempo do Messias. Ainda que não existam referências diretas, a colocação de Lucas não deixa dúvidas a respeito

de sua intenção de unir o cântico de Maria com o nascimento do filho, percebido por João. No Evangelho, Maria jamais é apresentada sem uma referência a Jesus.

Não poderá escapar ao leitor a inversão que Deus faz na história. Mais que um transtorno, trata-se de uma ordem para recolocar o que o homem desmanchou com o pecado. Isto é a morte que agora foi vencida. A salvação no cântico, atribuída a Deus, celebra o valor dos *anawim*, dos “pobres de espírito” que colocam em Deus sua confiança, preparando o espaço e o coração para o agir divino. Eles permitem a Deus restabelecer aquela ordem que Deus imprimiu à criação e que possuía a marca do “tudo bom”.

Observou-se que o *Magnificat* não possui uma trama particularmente original, nem pensamentos inéditos, limitando-se a reapresentar temáticas bem conhecidas do Antigo Testamento, sobretudo nos salmos. Por isso é definido como uma coleção de citações bíblicas. Poderá ser verdade. Todavia chamamos a atenção sobre o princípio geral segundo o qual a novidade atinge os segredos que surgem do coração e da vida. Quantas vezes a comuníssima frase “eu te amo” soa original e nova, embora repetida por muitos e de todos conhecida. A sintonia afetiva de dois corações, ou a forte carga de amor, torna novo aos olhos de qualquer um o que parece banal aos olhos de outros. Maria reapresenta temas antigos, todavia carregados de novidade, valorizando o princípio que Deus não faz coisas novas, mas faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). Trata-se de enriquecer de novidade as palavras antigas, assim como o batismo faz nova uma criatura já existente, transformando-a no interior.

Parafraseando um conhecido provérbio podemos dizer: “Dize-me como rezas e eu te direi quem és”, o modo mais seguro para conhecer uma pessoa no seu íntimo é conhecer sua oração. Refletir sobre o *Magnificat* significa conhecer melhor a pessoa de Maria, porque esse cântico é uma maravilhosa janela aberta para seu ânimo. Desse olhar, como por um mágico jogo



de espelhos, aprendemos a conhecer melhor a nós mesmos, porque verificamos a nossa oração, medida de amor e espaço de intimidade, efusão do Espírito e receptáculo de graça, suspiro da alma e pequeno anseio do corpo.

Sobre o *Magnificat* foram escritas tantas coisas, porém, nenhuma capaz de defini-lo porque as palavras não o podem conter. Essas, quando muito, conseguem balbuciar alguma coisa: o Evangelho das desigualdades; escola de conversão evangélica; escola de profetismo; embriaguez espiritual do encontro com Deus; repreensão de nossa vida; balanço entre passado, presente e futuro, em suspensão entre tempo e eternidade; caminho de Deus: vestígios do eterno no tempo. No *Magnificat* Maria “profetiza para a Igreja” (Santo Irineu) e com razão a Igreja o faz sua oração cotidiana.

Maria celebra o quanto Deus fez nela e o quanto faz no que crê. Alegria e gratidão caracterizam este hino à salvação que reconhece a grandeza de Deus, mas que também faz grande quem o canta.

### **Do texto à vida**

1. Duas mãos celebram a beleza da vida. Sou também um cantor da vida porque a aprecio, a defendo, a promovo? Como posso tornar-me um construtor da civilização da vida e não da morte?
2. Estou socialmente empenhado em fazer respeitar e em favorecer a vida em todas as suas manifestações? Onde vêm os ataques mais perigosos? Como reajo?
3. Cultivo e desenvolvo um senso de solidariedade que se torna atenção às necessidades dos outros? Estou pronto a levar a minha colaboração de oração, de conselho, de intervenção

operante? Sou capaz de me antecipar aos pedidos de ajuda, oferecendo-me espontaneamente quando vejo uma necessidade? Que aprendo da atitude de Maria?

4. Como reconheço e aprecio o mérito ou o valor de outrem? Quando e a quem fiz o último louvor? Ou antes sofro de inveja, considerando os outros concorrentes e rivais, em vez de irmãos empenhados como eu na construção do reino de Deus?
5. A minha oração é aberta, como a de Maria, na minha pequena e grande história? Tenho uma oração amadurecida, variada, eclesial? Verificar a última semana.
6. Faço de minha vida um canto de louvor e de agradecimento? Os outros, conhecendo-me, são solícitos em entoar o meu *Magnificat*, ou são impelidos a “parar”?
7. Considero a minha oração como respiração da alma, como encontro com Deus com o qual aprofundo a minha missão de cristão, valorizo minha ação, confronto-me com a Palavra de Deus?
8. Proporciono durante o dia momentos de silêncio e de recolhimento interior, considerando-os ocasiões privilegiadas de encontro comigo mesmo e com Deus?